

ANNO III
NUMERO 56

A ARTE
MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

AGENCIA INTERNACIONAL DE EXPEDIÇÕES

CARL LASSEN

HAMBURGO — ANTUERPIA

Succursaes em: Bremen, Lubeck, Stettin, Christiania

Lisboa } *Augusto de Aquino*
 } R. dos Correeiros, 92

SERVIÇO COMBINADO PARA PORTUGAL

SERVIÇO ESPECIAL PARA AS COLONIAS

Correspondencia portugueza

Ultimas Edições da Casa Lambertini

V. Hussla 4. ^a Rapsodia...	1.7000 réis
Furtado Zininha, valsa...	7500 »
Pereira Natus est Jesus...	7600 »
Mantua Pas de quatre...	7500 »

LISBOA ELEGANTE

Casa especial de gravatas, col-larinhos e punhos.

M. C. ALVES

NOVIDADES

DE

LONDRES E PARIS

16, Praça de D. Pedro, 17-LISBOA

LUVARIA

GATOS

268 — RUA AUREA. — 270

LISBOA



TRIDIGESTINA LOPES

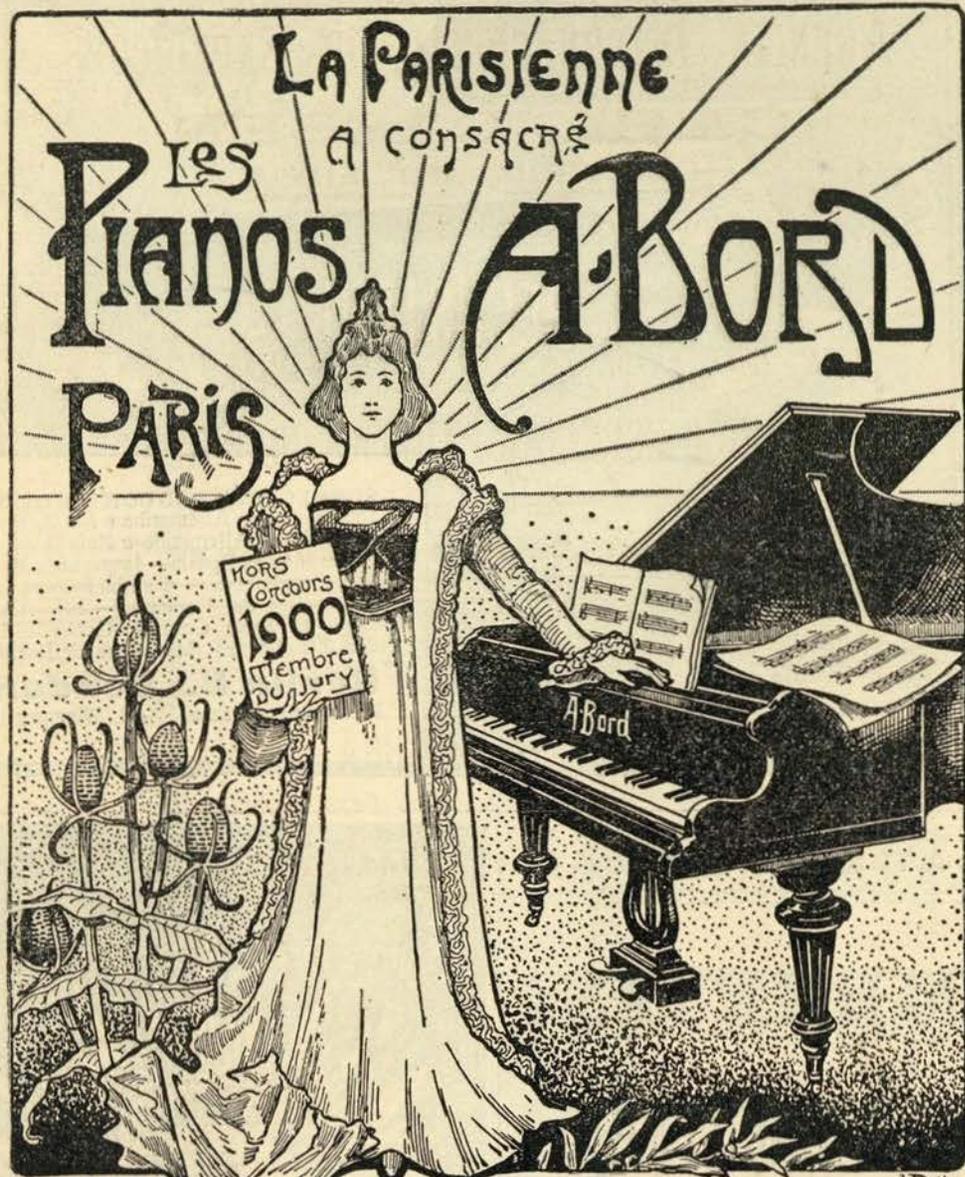
Preparada por F. LOPES, (pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, das diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

De F. LOPES & C.^a

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA



14^{bis} BOUL^D POISSONNIERE ^{J. Bitte}

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual..... 3:000 pianos
Produção até hoje..... 100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

MEMBRO DO JURY—HORS CONCOURS

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.
 o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. —
 Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.
 — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico.
 — Rei d'Inglaterra. — Rainha Regente de Hes-
 panha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. o
 Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza
 Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

Berlin N. London W
 57, Johannisstrasse 40, Wigmore Street

LOVIS RHEAD



LAMBERTINI

UNICO DEPOSITARIO

DOS

PIANOS

DE

BECHSTEIN



OSCAR BRANDSTETTER
LEIPZIG
Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
Litographia, Typographia,
Autographia
 Composição mechanica
machinas rotativas
 Instalações especiaes
 para grandes tira-
 gens

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA

DIRECTOR

Michel'angelo Lambertini

87, Rua do Norte, 103

EDITOR

Ernesto Vieira

SUMMARIO — Jan Blockx — Cantores antigos e modernos (conclusão) — Os mestres de Capella do Principe D. João depois D. João III — Manuel Gaspar e Antonio Tabora — Concertos - Publico e Artistas — Bandas militares — A Orchestra Philharmonica de Berlim — Francisco de Freitas Gazul — Notas soltas — Noticiario — Bibliographia.

JAN BLOCKX

No movimento musical contemporaneo da Belgica, que é como se sabe muito importante, temos já destacado alguns nomes com largos direitos á consagração especial da nossa primeira pagina.

Jan Blockx está n'esse caso.

E' um d'esses homunculos, cujo aspecto pouco indica: longos cabellos em desordem, vivo, experto, sempre em movimento, de olhar pensativo e doce.

Nasceu em Antuerpia: um *selfman* em toda a acepção da palavra.

Debutou muito modestamente, quando não tinha mais de 15 annos, dando lições para sustentar a familia e trabalhando a harmonia de noite.

Fez estudos muito completos no Conservatorio de Leipzig; no Grande Theatro d'esta cidade aprendeu a conhecer Wagner, de quem foi depois um dos mais strenuos propagandistas.

Voltou em 1877 á sua terra natal e fez ahi representar um actosinho — *Iets vergeten* —, em collaboração com o bem conhecido escriptor De la Montagne.

Compoz em seguida um pittoresco bailado, *Milenka*, que ainda hoje faz parte do repertorio da Monnaie, *Maitre Martin* que

o mesmo theatro acolheu com justificada benevolencia, e por fim, a triumphante *Princesse d'Auberge*, que a partir de 1896, tem feito o giro de quasi todos os theatros da Belgica e da França, com um exito devéras lisongeiro e com o applauso unanime de toda a critica.

Sobre um libretto de Solvay e Cain escreveu uma nova peça, com o titulo de *Uylenspiegel*, que tambem teve nos dois paizes um successo não inferior ao da *Princesse d'Auberge* e que lhe valeu por parte dos apreciadores e da imprensa a classificação de fundador, ou antes renovador, da escola musical flamenga.

E' membro do Circulo das Artes e da Imprensa e professor d'Harmonia no Conservatorio d'Anvers.



Cantores antigos
e modernos

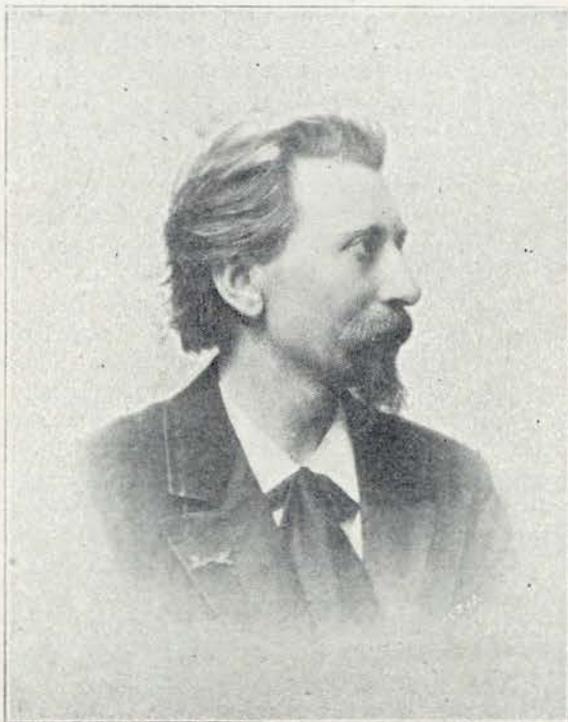
(Conclusão)

V

Apontamos nos artigos anteriores as causas da decadencia da arte de canto e vimos que essa decadencia vem já de longa data, tendo a sua

origem nas exageradas exigencias dos cantores.

Foi essa a causa primordial, embora outras d'ella resultassem e tomassem vulto. Para coroar a obra veio por ultimo a transformação na factura das operas e a polyphonia orchestral. Foi este o golpe de misericordia. Nas operas modernas o cantor não tem mais do que algumas melodias, a que



por muito favor se dá o nome de *romanças* e *raccontos*; todas as outras entram na grande classe das *scenas*. Desapareceu portanto a necessidade dos estudos prolongados para educar a larynge e para fazer um *virtuose* do individuo que pretende dedicar-se á arte de canto. Outr'ora, para cantar uma aria em publico e obter o appetecido applauso, era preciso que o artista se tivesse preparado convenientemente, desde tenra idade, sujeitando-se ás exigencias dos antigos mestres de canto. O discipulo tinha de seguir um enfadonho curso, em que não gastava menos de cinco ou seis annos. Mas esses cursos produzião verdadeiros artistas. Da classe de meninos do côro das cathedraes saíram magnificos cantores.

Os antigos artistas de canto podiam tambem conservar durante longos annos a frescura da voz, porque sabiam servir-se d'ella e não tinham de cantar operas que lh'a esgargassem.

Hoje tudo mudou. Ha mestres, ou melhor, ha individuos que se encarregam de ensinar a cantar alguns desgraçados que dispoem de bons elementos naturaes, mas que em breve se encontram sem voz e, o que ainda é peor, com a larynge deteriorada. Ainda ha bem pouco tempo nos appareceu ahi um tenor, do qual com algum motivo se diziam maravilhas, e que deu bem triste idéa de si na opera em que debutou. Sendo-lhe examinada a larynge por um medico especialista viu-se que as cordas vocaes estavam invadidas pelas granulações. Parecia a larynge d'um velho. Foi este o resultado dos abusos de voz a que o sabio mestre tinha forçado o discipulo. Não o preparou com a precisa lentidão; em poucos mezes quiz habilital-o a cantar algumas operas. Era um segundo Masini, um outro Gayarre, mas a pressa com que o forçou a caminhar produziu-lhe o inevitavel canção da larynge. Tendo elementos para vir a ser um bom artista, o pobre rapaz é hoje uma inutilidade.

E é esta, infelizmente, a orientação d'alguns mestres de canto.

De muitos que pretendem ser artistas de canto nem é bom falar. Aos vinte annos, ou mesmo muito depois, descobrem que teem voz, que soltam bonitas notas agudas e lembram-se de exercer o lucrativo officio de tenor. Dedicam-se ao canto com a mesma sem cerimonia com que se dedicariam a um officio qualquer. Em taes edades nem ha tempo, nem paciencia, nem a larynge possui já a flexibilidade precisa para se adaptar a determinados exercicios. O ouvido é ás vezes rebelde á educação que se lhe pretende impôr. D'estes estudos tar-

dios não ha realmente a esperar bons resultados, mas que importa isso? Facilmente se encontra quem ensine a cantar operas e, n'um limitado numero de mezes, temos mais um artista a berrar-nos umas melodias, a atordoar-nos com um *si* natural agudo ou mesmo com um *dó*. O auditorio applaude, a imprensa elogia, e não é preciso mais; está aberta a carreira artistica e apregoa-se mais uma gloria da arte. É verdade que se a um tal artista é incumbido o encargo de cantar uma opera antiga, que, é claro, nunca deixa de incluir no seu vasto repertorio, ouvimos então um desastrado moer de notas. Os passos d'agilidade são reduzidos á sua expressão mais simples. E no caso de maior dificuldade, o pseudo-artista, que ás vezes tem a consciencia da sua insufficiencia, volta as costas ao publico e canta para os bastidores. E' uma questão de movimento de scena. Ainda não ha muito tempo vimos a um tenor fazer isso no 3.º acto da *Norma*.

A muitos artistas de reputação feita não podemos mesmo exigir que cantem uma aria, uma cavatina, etc. etc. Nem dispõem da precisa meia voz, nem capazmente se prepararam para vencer difficuldades de vocalisação. Fazem carreira e conseguem ser calorosamente applaudidos cantando romanças com muito sentimento, muita expressão, mas por vezes com uma meia voz de timbre detestavel, quando pretendem colorir as phrases. Em taes occasiões os velhos *dilettanti* entristecem, e, nos intervallos do espectáculo, recordam entre si glorias passadas. Mas os novos, capitaneados pelos *romanos*, applaudem sempre.

Tosi dizia que, para cantar bem, não era sufficiente ser afinado, saber emittir as notas, ter expressão, saber vocalisar, trinar e fazer appogiaturas. Tudo isto eram qualidades essenciaes, mas não bastavam para constituir um artista. Hoje, a maior parte dos cantores nem aquellas boas qualidades possuem. E' caso para lhes agradecer quando soltam umas notas afinadas. E se a essa boa qualidade reunem a de saber *smorçar*, attingem immediatamente as culminancias da celebridade.

Vergonhoso é dizel-o: no sexo feminino ainda se encontram algumas artistas que se esforçam por serem dignas do nome de cantoras. Ha muitas que se dedicaram ao estudo nos Conservatorios estrangeiros. E o nosso Conservatorio Real tambem já produziu uma artista, que foi discipula de Melchior: é a sr.ª D. Judice da Costa Caruson, que fóra de Portugal tem agradado em muitos theatros lyricos. A S. Carlos ainda não veio receber a sua consagração de boa artista. Delina Victor, que tem cantado na Trindade,

e D. Isaura Callado Nunes, que não sabemos onde pára, também lá estudaram. E mais nada. E' verdade que nas aulas de canto do nosso Conservatorio a frequencia é realmente pequena. A matricula d'este anno foy de 4 alumnos no 1.º anno de solfejo entoado!; 7 no 1.º anno de canto; 7 no 2.º; 2 no 3.º; 1 no 4.º e 2 no curso superior. Os córos orpheonicos, no Conservatorio, talvez pudessem produzir alguma cousa. D'entre tantos alumnos d'ambos os sexos, que passam pela aula de solfejo entoado, parece que mais alguns podiam ser aproveitados para as aulas de canto.

ESTEVES LISBOA.



Os mestres da capella do Principe D. João, depois D. João III

Passava o principe D. João, filho de D. Manuel, que depois lhe succedeu no throno com o nome de D. João 3.º, de 12 annos de idade, quando seu pae lhe ordenou casa. Fr. Luiz de Souza nos *Annaes de D. João 3.º* não declara o anno em que se realisou tal factio, indicando apenas que o principe passava dos doze. Ora tendo este nascido a 6 de junho de 1502, deveria o ordenar da casa realisar-se pelos annos de 1514 ou 1515. Aponta o mesmo chronista o nome dos individuos que foram nomeados para os principaes cargos de character politico, deixando, ou por descuido ou de proposito, por o julgar menos proprio do decoro da sua historia, de relacionar os que foram nomeados para cargos de outra natureza. Assim por exemplo omitta o pessoal da sua capella, e nem d'esta sequer nos dá noticia.

Foi sem duvida por esta occasião que Fernão Rodrigues foi nomeado mestre da capella. Não achei o diploma que o nomeia.

Uma carta de D. João 3.º de 13 de janeiro de 1524 concede licença para andar de mula a Alvaro Rodrigues, sogro de Fernão Rodrigues, *mestre que foi da nossa capella*.

Em 25 d'agosto de 1513 D. Manuel nomeava escrivão perante os ouvidores da casa da Supplicação a Fernão Rodrigues, *nosso cantor e escrivão do nosso desembargo* em substituição de Alvaro Rodrigues, que renunciara aquelle officio.

O mesmo monarcha, em 4 de março de 1521, nomeou Pero do Porto escrivão dos agravos e desembargo do paço, como era Fernão Rodrigues, *nosso cantor*, por cujo fallecimento ficaram vagos.

Fernão Rodrigues foi substituido no car-

go de mestre da Capella do principe por João Lourenço, cantor d'el-rei D. Manuel, que lhe deu carta de nomeação a 23 de fevereiro de 1521, com dois mil reaes de moradia por mez, além da cevada por dia, *que é outro tanto quanto ha o mestre da nossa capella e o havia Fernão Rodrigues, por cujo fallecimento lhe demos ora o dito officio*.

Muito anteriormente a este anno encontra-se menção d'outros documentos que lhe dizem respeito. Em 1501 foi nomeado Duarte Fernandes, cantor, escrivão dos feitos das sisas na cidade de Lisboa, pela renuncia que d'este officio fizera João Lourenço, a quem D. Manuel déra outro.

Em 1504 renunciou e vendeu o officio de sellador dos couros assellados na alfandega de Lisboa, a Antonio Rodrigues.

D. João 3.º em carta de 24 de março de 1526 lhe fez mercê de 30944 reaes, *que é outro tanto quanto monta em cada um anno em sua moradia, cevada, vestiaria, de mestre de capella, que me ora deixou para dar a quem prouvesse*.

Em 23 de março de 1527 lhe confirmou dous alvarás auctorizando-o a que outrem servisse por elle os officios que tinha na Casa da Supplicação.

Em 30 de dezembro de 1520 D. Manuel concedeu licença a João Lourenço seu cantor e cavalleiro de sua casa, para toar perdigões de chumbo, podendo caçar com dous perdigões.

Este alvará foi confirmado por D. João 3.º a 8 de setembro de 1524.

João Lourenço tinha um filho chamado Belchior Lourenço. No livro das *Adições*, maço 1, n.º 7, folha 169 verso, assigna elle um recibo por seu pae.

Tito de Noronha (*Ordenações do reino*, Porto, 1873) julga que João Lourenço é o mesmo Lourenço, cantor da Sé d'Evora, que reviu o *Missal Eborense*, impresso em Lisboa em 1509 por Estevão Galhardo.

Aquelle bibliophilo entende que a data da impressão está errada, devendo lêr-se provavelmente 1529. Como prova adduz a carta de 1521, em que D. Manuel nomeia João Lourenço mestre da capella do principe. Escreve Tito de Noronha:

«Ora sendo este cantor que el-rei D. Manuel nomeou mestre da capella do principe seu filho o mesmo que reviu o Missal, o que nos parece plausivel porquanto é pouco natural que se desse a coincidência de existirem na mesma epocha dois cantores notaveis ambos com o nome de Lourenço, parece natural que o cantor agraciado em 1521 não fosse já eximio em 1509, o que nos reforça a hypothese que o Missal não fosse impresso n'esse anno.»

Os argumentos de Tito de Noronha parecem-me de pouca ou nenhuma substancia para qualquer das hypotheses por elle estabelecidas. Além d'isso, Tito de Noronha ignorava a existencia official de João Lourenço, como cantor de D. Manuel, muitos annos antes de ter sido escolhido para mestre da capella do principe.

Eis o que até agora sobre a existencia de Fernão Rodrigues e João Lourenço tenho podido averiguar.

SOUSA VITERBO

CONCERTOS

A limitada concorrência aos ultimos concertos no Salão do Conservatorio é a prova irrefutavel, positiva, absolutamente conclusiva de como a musica de camara poucos adeptos conta em Lisboa.

Varias teem sido as tentativas para a implantar entre nós promovendo-se-lhe audições em diversos recintos, e nos esforços envidados para esse fim distinguiram-se sempre os de Rey Colaço. Com a coragem de quem defende uma causa justa e a força que lhe dava a fé votada á religião da sua arte, Rey Colaço quando a occasião se apresentava, luctou sempre, qual campeão estrenuo, em prol da manifestação musical que mais se coaduna com as suas faculdades d'executante e mais se approxima do seu ideal d'artista.

Não data de praso recente a predilecção do illustre pianista por este genero de musica. Quando, elle em 1884, aqui se apresentou em publico formando com Arbós e Rubio essa triade de artistas já valiosa n'essa época, já se lhe denunciava o interesse com que procurava enraizar no publico o gosto pela musica de camara, interesse mais tarde convertido em ardente empenho na cruzada n'esse sentido emprehendida com a cooperação de Victor Hussla e outros artistas distinctos.

A tão boa vontade e tão perseverantes esforços parece que o publico deveria corresponder auxiliando uma iniciativa que, por fim, redundava em proveito da sua cultura de espirito.

A principio, ainda os concertos realisados no salão d'entrada de S. Carlos, foram regularmente concorridos. Depois, o gosto do publico, deixando-se arrastar na rotação dos espectaculos do theatro lyrico, embotou-se a ponto de revertermos aos tempos longinquos em que uma nota aguda soltada no

fim d'uma grosseira *cabaletta* era causa d'enthusiasmo louco, como se presenciou esta época nas representações do *Trovador*.

Por isso, quando ouço lastimar a penuria de musica em que vivemos, penso que o nosso publico, com louvaveis excepções, tem aquella que merece, tal é o meu convencimento de que seria mais facil encher a Sé de sarracenos a ouvir missa, que o Salão do Conservatorio de gente nossa que gostosamente ahí concorra a escutar musica de camara.

Mas, não obstante a concorrência restricta, os concertos não deixaram de se dar, para regalo de espirito de quem a elles assistiu, mercê do desinteresse dos seus promotores; houve até mais um dos que a assignatura comprehendia. E apesar de não ser numerozo o auditorio, era elle composto de quem, versado em coisas de musica, pode bem ajuizar do valor dos dois artistas que agora nos visitaram após uma ausencia de dezeseite annos. Por isso, Arbós e Rubio nos quatro concertos em que o publico lhes pode admirar as altas facultade artisticas, foram alvo d'enthusiasticos applausos.

N'essas sessões que tão grata memoria deixaram foram tocadas as seguintes peças *d'ensemble*: *Trio em si bemol*, de Schubert; *Quintetto em lá*, de Dvorak; *Trio em lá menor*, de Tschaiikowski; *Quartetto em sol menor*, de Brahms; *Quintetto* de Schumann; e *Trio em ré*, de Mendelssohn. Além d'estas obras tambem foi tocado no 2.º concerto um *trio* caracteristicamente hesparhol, peça que, com franqueza o dizemos, devia ter-se sentido contrafeita na companhia d'outras de Bach, Schumann, Chopin, Tschaiikowski, que foram executadas n'essa sessão musical.

No desempenho do *Quartetto* de Brahms tomou parte além de Rey Colaço, Arbós e Rubio o violetista amator, sr. Antonio Lamas que se affirmou um quartettista de valiosas qualidades, taes como afinação segura, boa qualidade de som, mecanismo correcto e uma discreção artistica, merecedora de sincero elogio; e á execução dos dois quintettos prestou tambem o seu concurso o distincto violinista sr. André Goñi.

Não podendo entrar em minucias d'especialisação quanto ao desempenho de todas estas composições, nem tão pouco occupar-me de todas, o que daria a esta noticia exageradas dimensões, limito-me a citar duas obras, ambas consagradas, cuja execução não ponho duvida em reputar de magistral. Foram ellas o *Trio* de Schubert e o *Quintetto* de Schumann.

Durante a execução d'estas soberbas obras não foram raros os momentos em que os assistentes se entreolharam extasiados, sen-

tudo dilatar-se-lhes a alma e com o espirito suspenso ante a perfeição d'interpretação musical a que assistiam. De facto, presenciar-se uma execução assim, com tal unanimidade d'expressão, tal penetração d'estylo, tal tacto em fazer sobresahir determinadas passagens, consoante a importância de cada uma, com tanta cohesão e tanta harmonia de conjuncto, é satisfação d'arte que raras vezes se terá experimentado em tamanha intensidade.

Das composições supracitadas só não era entre nós conhecido o *Trio* que Tschaikowski dedicou á memoria de Nicolau Rubinstein, irmão do pianista colossal que o nosso publico teve occasião d'admirar, e como elle tambem artista de grande merito, já como director d'orchestra, já como pianista. Acerca d'esta composição escrevemos nós quando pela primeira vez a ouvimos:

«Indubitavelmente, este *trio* é uma obra notavel, de altissimo valor como todas aquellas que, por intensamente expressivas, actuam poderosamente sobre a nossa sensibilidade. E' um trabalho sentido, onde a cada momento palpita a alma do grande musico que o creou e, por consequencia, uma obra empolgante. Magistral é que se nos affigura não poder ser ella considerada, porque na disposição geral que o auctor lhe deu, foi tão excessivamente arbitrario e de tal maneira despresou a *forma* que d'ahi provem ao *trio* ausencia de concisão e de harmonia de proporções. Este senão é de notar sobretudo no 1.º movimento que Tchaikowski denominou peça elegiaca e que o é, por certo, pelo seu character triste e melancolico que a cada instante parece evocar a nossa palavra *saudade*.

Mas essa qualidade valiosissima, a par da qual cumpre ainda notar a fertilidade d'imaginação do musico que escreveu o supradito andamento, não exclue que elle dê a sensação d'um trecho pesado, repisado e longo em demasia».

Pouco depois da primeira audição d'este *trio* conversando eu com um dos seus executantes admirou-se elle da impressão que a peça me causára. Tornei a escutal-a, percorri-lhe a partitura, mas a impressão foi a mesma.

E' possivel que um dia mude, como possivel é tambem que o meu interculator ainda chegue a sentir arrefecer-lhe o entusiasmo pelo *trio*. As vezes o artista, ser essencialmente impressionavel enamora-se tanto das obras d'arte, que só lhes vê as qualidades; mais tarde o amor esfria, e então é que lhes reconhece os defeitos.

Isto com respeito á peça elegiaca; quanto ao 2.º movimento, o thema com variações,

o que d'elle ouvimos, (teve de cortar-se em rasão do seu excessivo comprimento), áparte a *coda* que fica muito áquem das paginas que a precedem, é realmente bello. O thema archaico de sabor e delicado de corte, é um encanto, e as variações, algumas d'elias engenhosas, são devéras deliciosas. Se alguma coisa os mais exigentes lhe notarem alem da *coda* que, como disse, é inferior, será a liberdade extrema da variação da valsa, sem duvida graciosa, mas um tantinho commum, e a flagrante semelhança da decima variação com a *mazurka* de Chopin, n.º 5, em *si bemol*.

A segunda parte dos 4 concertos foi sempre consagrada á execução de peças *a solo*. Pode portanto ahi o publico apreciar em especial cada um dos instrumentistas.

Artista sem duvida muito distincto, Arbós no som que extrahе do violino recommenda se menos pela doçura que pelo volume e consistencia da sua qualidade; tem um bom mecanismo e, relativamente á qualidades d'estylo, possui as que eram d'esperar d'um professor no *Royal College of music*. E' um artista que jamais se serve de facéis meios d'obter effeito como o do *vibrato* ou o do abuso dos *portamenti*.

Rubio, mais *virtuoso*, mas mais transigente com o gosto do commum do publico, é artista para mais facilmente empolgar um auditorio, graças ao seu temperamento pronunciadamente palpitante e expansivo que tão bem se compadece com o character do violoncello a que sabe imprimir todo o sentimento da sua alma vibratil. Artista não menos distincto que Arbós e Rubio, Rey Colaço nas varias peças que executou, mostrou de novo as privilegiadas qualidades de pianista que ha muito nos costumámos a n'elle admirar.

Como se tornaria longa a citação de todas as obras desempenhadas, vejo-me forçado a dizer que foi grande a sua variedade tendo assim todos os solistas occasião de manifestarem a flexibilidade do seu talento facilmente accommodavel á interpretação de todos os estylos de musica.

Eu, no emtanto — relevem-me a franqueza, — em vista dos largos recursos dos executantes preferia ter ouvido tocar na parte intermediaria dos programmas qualquer sonata de violino e piano, ou violoncello e piano, de auctor consagrado.

Mas como, devido aos louvaveis esforços de Rey Colaço, estes concertos se devem repetir annualmente, podendo assim aliviarem saudades os amadores de musica de camara, é de crer que para a proxima vinda de Arbós e Rubio tenhamos sonatas de Beethoven, Brahms, Franck e outros composito-

res, e com a perfeição de desempenho a esperar de tão notáveis artistas.

A. M.

*

O segundo concerto d'esta época dado pela Real Academia de Amadores de Musica na sala Portugal, teve singular brilho por servir para dar maior solemnidade á recepção feita pela Sociedade de Geographia á officialidade do navio brasileiro «Floriano».

De excellente musica se compunha o programma e primorosos executantes o desempenharam; foram elles: D. Guilhermina Suggia, José Carneiro, D. Anelha Costa, D. Christina Ferreira do Amaral e D. Gabriella Jardim, servindo os acompanhamentos D. Ernestina Freixo, D. Virginia Suggia e Timotheo da Silveira.

Mas todos os primores da execução foram ofuscados pelo brilhantismo da sala, que estava soberba com a ostentação de *toilettes*, fardas, condecorações e rostos alegres dando as boas vindas aos nossos irmãos da America. A musica teve portanto um papel secundario, de simples ornamentação, que poucos ouvidos attentos conseguiu attrahir.

Seria no emtanto injustiça não especialisar D. Guilhermina Suggia, cujo talento já reconhecido e incontestavel foi mais uma vez objecto dos mais lisongeiros commentarios e a quem couberam unanimemente as honras do sarau.

*

No dia 18 deu o pianista portuense Arthur Napoleão no *Orpheon* e em seu beneficio um concerto, que segundo noticiam os jornaes teve bastante concorrência.

O beneficiado executou entre outras peças um *Concerto* de Beethoven e outro de sua composição, que já lhe ouvimos em Lisboa e que é effectivamente uma obra de valor.

Foi coadjuvado em outros numeros do programma por alguns artistas do Porto, entre elles o eximio violinista e nosso bom amigo Bernardo Moreira de Sá.

*

Com uma deliciosa *serata* musical, inauguraram em 19 do corrente os nossos amigos Neuparth e Carneiro um artistico e elegante salão, finamente decorado, em que um publico selectissimo teve não só occasião de apreciar a captivante amabilidade dos donos da casa, mas ainda o prazer de ouvir laureados artistas que foram, como de justiça, victoriosamente acolhidos.

Enrique Arbós, o eximio violinista hes-

panhol, tocou a *Masurka* de Wieniawski e trechos de sua composição.

O não menos illustre violoncellista Rubio a Berceuse de *Jocelyn* de Godard, um *Estudo* da sua lavra e musicas hespanholas.

O nosso glorioso Rey Colaço o *Gazouillement du printemps* de Sinding, a *Marche des nains* de Grieg e um *Scherzo* de Mendelssohn e conjuntamente com os dois excellentes artistas hespanhoes dois fragmentos do *Trio* de Mendelssohn.

Uma amadora de grande valôr, a Sr.^a D. Angelina Valadin, discipula do venerando Vellani, deliciou o auditorio com alguns trechos de canto.

E Mad.^{me} Martinez Vieira, a distinctissima harpista, apresentou tambem alguns solos em que o seu notavel mecanismo suscitou a admiração e o applauso de todos os ouvintes.

Felicitemos cordealmente os nossos collegas e amigos pelo seu bello concerto e agradeçemo-lhes a gentileza do convite.

*

No programma do Concerto que os eximios artistas hespanhoes Arbós e Rubio, conjuntamente com o nosso Rey Colaço deram no *Orpheon* portuense em 22 do corrente mez, figurava o famoso *Trio* de Tschaikowski (á memoria d'um grande artista), os trios de Arbós sobre motivos hespanhoes e muitas peças a solo.

Os notaveis concertistas e especialmente o nosso Rey Colaço tiveram uma delirante ovação.

*

No dia 27 d'este mez realisou-se na sala Lambertini a terceira audição das que esta casa costuma offerecer aos seus amigos e á imprensa diaria, encontrando-se ali uma numerosa e selecta assistencia para admirar e applaudir as talentosas artistas portuenses, D. Guilhermina e D. Virginia Suggia, que pela segunda vez visitam a nossa capital.

O programma, integralmente cumprido e composto exclusivamente de obras de valôr provocou entusiasticos applausos, a que as gentis concertistas corresponderam offerecendo amavelmente a execução de mais alguns numeros, que não estavam annunciados.

São realmente encantadoras as duas jovens artistas e como já tivemos ensejo de dizer, teem produzido em Lisboa um verdadeiro entusiasmo pelo seu grande e expontaneo talento e pela simplicidade e modestia com que se apresentam.

Ouvimos dizer que se projecta no Porto,

para onde de novo partem, uma grandiosa festa, cujo producto permitta pensional-as na Allemanha e completar assim com o exemplo das grandes celebridades e com o conselho dos mestres mais abalisados, os preciosos dotes que as distinguem já hoje.

E' de facto no Porto que essa iniciativa se deve produzir e folgamos deveras que se tenha na capital do norte tomado a serio este proposito tão patriotico e tão levantadamente altruista.

Desejariamos porém um pouco mais, desejaríamos que tambem em Lisboa se produzisse um bom movimento n'esse sentido — não diremos já um concerto ou uma festa, que para isso tudo são difficuldades agora, mas uma qualquer poderosa impulsão junto de quem deva ser, para que o Estado proteccione as notaveis artistas portuguezas, que podem um dia ser uma gloria para o seu paiz e para a sua Arte.

Não são justos estes votos? Pois não poderão separar-se, n'um paiz como o nosso, umas migalhas de ouro para esse fim tão elevado e tão santo?

Ahi deixamos consignados os nossos mais sinceros desejos, que serão tambem os de todo o bom portuguez e os de todo o artista de coração.

Oxalá elles sejam compartilhados por quem possa operar o milagre!



Manuel Gaspar — Antonio Taborda

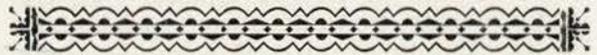
A nossa banda da Guarda Municipal, aquella que entre nós tem uma organização mais completa e perfeita tanto pelo numero como pela qualidade do pessoal, decerto não perderá a sua merecida reputação com a falta do estimado artista que se chamou Manuel Gaspar.

Era este um mestre e um chefe que possuia as principaes qualidades indispensaveis a quem dirige: dedicação, paciencia, auctoridade e saber. Estava perfeitamente no seu lugar, e todos os seus subordinados, reconhecendo-lhe merito e gratos aos beneficios que elle sollicitamente procurava sempre obter para a corporação que dirigia, consagravam-lhe sincera amisade e lastimaram profundamente a sua perda.

Essa perda está porém reparada quanto possível: o excellente chefe extinto foi substituido por outro de não menor valia: Antonio da Cunha Taborda, executante primoroso e compositor festejado, que á pratica de chefe adquirida já durante alguns annos, junta os conhecimentos theoreticos obtidos no

Conservatorio, onde cursou as aulas de harmonia e contraponto.

Antonio Taborda é neto do insigne pintor José da Cunha Taborda, auctor de alguns dos melhores paineis e trechos que tem o palacio da Ajuda, e das «Regras da Pintura» livro tão estimado pelas noticias que dá sobre os pintores portuguezes. Este artista notavel do principio do seculo XIX não deixou a seus descendentes outro patrimonio senão um nome illustre e honrado, mas seus netos, auxiliados apenas pelo proprio talento, teem sabido dar novo brilho a esse nome, tornando se tambem os artistas distinctissimos que todos conhecem.



PUBLICO E ARTISTAS

De alguém que simplesmente se assignou *Um velho dilettante* recebemos ha mais de um mez a carta seguinte que agora nos resolvemos a publicar, apesar do *veu do anonymo* que encobre o verdadeiro nome de quem a escreveu. O anonymato não é positivamente a nossa especialidade, mas desde o momento que n'este escripto nada ha que possa directa ou indirectamente significar um golpe pessoal, decidimo-nos a abrir-lhe a nossa porta, certos de que nos não farão arrepende da hospitalidade.

Eis a carta:

Sr. Redactor

Desculpe-me, Sr. Redactor, se vou tomar-lhe algumas linhas com assumpto que talvez pareça pueril a muita gente, e que para mim não representa afinal mais que um inutil desabafo.

Publico e Artistas!...

Antigo *habitué* do nosso theatro lyrico, frequentador incansavel de todos os concertos que se annunciam em Lisboa, tenho estado durante a minha longa vida em tão constante convivio tanto com o publico como com os artistas que acabei por conhecê-los como aos meus dedos e perder de todo a pouca confiança que sempre n'elles tive.

Vamos primeiro ao *Publico*.

Divide-se este em duas cathogorias bem distinctas, direi mesmo oppostas. Feita a divisão, resta-me a classificação e se me não propuzesse por decoro proprio e por decoro do seu sympathico jornal a dourar com palavras accomodaticias a crueza de certos pensamentos meus, eu diria que a unica classificação possível é a de *tolos* e a de *sisudos*, legião aquelles, excepção est'ou-

tros. Mas é preciso dizer isto mais docemente.

A grande maioria do publico que frequenta os espectaculos puramente musicaes vae lá por desfastio, por *sport* e o maior numero de vezes pela preocupação de vêr e de ser visto, de estreiar toilettes e de ostentar joias . . .

Essa é talvez a parte ineducavel do publico. Prefere a tudo S. Carlos. Com o magro dispendio de alguns tostões poderá ali acotovelar as viscondessas de sangue mais ou menos puro, assestar a impertinencia do monoculo para esses pequeninos escandalos que constituem um dos alimentos favoritos do seu espirito e finalmente, oh delicia incomparavel, impôr em quatro palavras secas a dictadura da sua critica omnisciente, derrocando uma alta reputação ou levantando uma mediocridade!

Essa é, como digo, a maioria do publico, absolutamente ineducavel.

Resta-nos por fortuna a parte educavel, d'uma felicissima malleabilidade como em poucos paizes se encontra e a parte educada, quasi exclusivamente representada pela aristocracia da Arte, *gourmets* que tem levado annos e annos a afinar um paladar subtil e que, seja dito de passagem, se tem tornado um tantinho exigentes. . .

Ora, se bem vejo, o artista conscio da sua transcendente missão educativa, o artista serio, o artista amante da sua Arte deve ter como intuito principal levar a divina luz onde ella falte, chamar a si os inesthetics, os desherdados e quando não possa dominar a parte bronca do seu publico, que ao menos não tenha a fraqueza de descer até ao nivel intellectual d'esse vulgacho, em vez de empregar todas as suas faculdades e todo o seu exforço para o fazer subir até á altura do seu talento.

O publico de theatro e o publico de concerto variam muito nos seus factores componentes; em geral n'este ultimo, ha maior somma de elementos educados pela pratica de ouvir, pela ausencia de artes accessorias que distraiam a attenção e muitas vezes pelo proprio cultivo da musica.

Assim o artista de theatro visa mais que tudo aos effeitos grosseiros que possam impressionar as massas, desdenhando a cada passo preceitos d'Arte em que não vale a pena pensar e que o seu publico só por excepção apreciaria.

A influencia do meio desculpa de tal ou qual forma o desmando do artista, quando não cae no abuso.

O artista de concerto precisa ser mais meticuloso: se a parte educada do seu publico é, como em toda a parte, limitada,

tem pelo contrario uma numerosa camada que quer e pode educar-se e para a qual todas as suas attensões se devem voltar.

Ora o artista de concerto entre nós não costuma ser classificado conforme o merecimento, nem conforme os outros dotes artisticos que por ventura o possam distinguir.

É classificado pela procedencia, como as latas de sardinha.

Se são estrangeiros são incondicionalmente bons para a accomodaticia maioria do publico e tem quasi sempre defeitos para a diminuta minoria illustrada que os ha de apreciar

Se são portuguezes não chegam geralmente a attrahir a attenção nem de gregos nem de troyanos.

Manobrado portanto o nosso movimento musical quasi sempre por estrangeiros, importa, a meu vêr, que elles se lembrem que isto ainda não é paiz de todo conquistado e que mal avisados andarão, se nos quizerem impingir. . . gato por lebre, como já algumas vezes tem succedido.

N'esse ponto toda a precaução do publico é pouca. . .

Não seria máu tambem que o nosso musico, que é geralmente bem dotado, se acclimatasse á ideia de se apresentar frequentemente em concertos, ja que o theatro lyrico lhe é pouco mais ou menos vedado, como cousa muito acima do seu valor.

Pois essa indifferença publica a que eu alludia ha bocado não se poderá attenuar com o tempo, não se poderia mesmo destruir por completo n'um futuro mais ou menos proximo, ante a evidencia do verdadeiro talento e de um cultivo seriamente preparado? . . .

Deixo-o em paz, Sr. Redactor, com este meu ponto interrogativo e peço-lhe me queira desculpar as caturrices de

UM VELHO DILETTANTE.



BANDAS MILITARES

Justiça foi feita aos mestres das bandas, na parte em que elles a pediram. Por tal deve-se prestar homenagem á rectidão das auctoridades militares superiores e recordar mais uma vez o altruismo de quem primeiro tomou desinteressadamente a defeza da justa causa, o sr. tenente coronel Arthur Ribeiro.

O ponto reclamado não era realmente nada insignificante, pois foi causa de não pequenos vexames sofridos por quem de direito merece alguma consideração.

Mas no meu segundo artigo toquei n'outro ponto, de mais demorada e difficil solução mas tambem de mais positiva utilidade.

A educação do musico militar.

Qual é ella?

Onde a escola?

No Conservatorio podem alguns privilegiados pertencentes á guarnição da capital matricular-se mediante a respectiva licença e sem prejuizo das obrigações militares. Lá aprendem elles alguma coisa (Com a condição essencial de contarem muito com o próprio esforço, senão... não; um Taborda é excellente exemplo, mas assaz raro).

E ainda assim, só os que se encontram já com certo desenvolvimento e aspiram a mestres é que lá vão, quando é certo que os *aprendizes* tambem precisam *aprender*.

Elles aprendem, sim, no regimento; mas como?

Da maneira mais desastrada, á laia de mil diabos. Logo que sabem fazer a primeira escala no instrumento, entram na fileira e são abandonados a si mesmos. Se quizerem caminhar devem romper o caminho sem esperar que os conduzam, tendo por guias sómente os proprios olhos e ouvidos; e deem-se por muito felizes se a sorte não os puzer em sitio onde só haja silencio e trevas. Felicissimos se depararem com mestre solícito que algum auxilio queira prestar-lhes.

E no emtanto, d'este meio tão pouco propicio ao desenvolvimento de bons artistas, alguns teem sahido de primeira ordem: por exemplo os irmãos Cróneres, Carlos Campos, Frederico de Carvalho e Mello, José Rodrigues, Manuel Gaspar e tantos outros bem conhecidos.

Tanto pode a força da vontade!

Se lhe dessem auxilio, como ella produziria mais e melhores fructos!

Porque, deve confessar-se, n'aquelles que tem produzido e dos quaes citei alguns, o travo denunciando origem silvestre, a falta de velludo na casca por falta de cultura na raiz, fica sempre mais ou menos sensível.

Uma escola especial para musicos militares, será coisa que por impraticavel se não possa desejar?

Lá por fóra existem, até na Persia, como já disse. Em França estabeleceu-se a primeira pelos fins do seculo XVIII, cerca de vinte annos antes da tremenda revolução.

— Outro Conservatorio?

— Porque não? Ao menos de uma utilidade mais geral. Se o que existe foi pouco a pouco transformado em ninho e viveiro de pianistas, haja outro que produza genero differente e que mais escasseia.

As bandas militares teem enorme falta de

peçoal habilitado, com grande desespero dos mestres que disputam entre si algum artista mais direito que vae apparecendo. Como estes se fazem, já vimos. Que será muito raro apparecerem, feitos por tal modo, e que forçosamente serão incompletos, é obvio.

Portanto uma escola bem organizada, não póde deixar de ser idéa muito apeteçível.

Uma escola sob o regimen militar, onde o filho do soldado recebesse sufficiente instrução litteraria a par com o desenvolvido estudo da musica, incluindo o canto em côro (novidade entre nós de espantar mas optima velharia lá fóra); uma escola que produzisse bons artistas, bons militares e homens apresentaveis na sociedade, que bello ideal!

Mas como a realidade tudo estraga, melhor será não pensar n'isso. Vamos andando... e vegetando... contentando-nos com algum milagre que de tempos a tempos appareça, para admirarmos a magnanimidade da Divina Providencia.

ERNESTO VIEIRA.



A Orchestra Philharmonica de Berlim

É tão raro termos entre nós, n'este cantinho da Europa, a excepcional fortuna de apreciar as grandes individualidades artisticas lá de fóra, que nos não admira muito o alvoroço com que tem sido accete a proxima vinda da Orchestra alleman e os dois brilhantissimos Concertos que se preparam em S. Carlos para a sua apresentação.

Algumas das summidades musicas mais em evidencia aqui tem vindo parar em epochas de resto bem remotas umas e singularmente espaçadas outras. De Thalberg e Liszt quasi se não lembra já a actual geração. Vieram depois Rubistein, Saint-Saëns, Sarasate, Sophia Menter, a Essipoff, Oscar Pfeiffer, Bottesini, Popper, Casals, Thibaud e talvez mais algumas celebridades, que nos não acodem agora á lembrança.

Mas depois dos aureos tempos de Barbieri e de Colonne, é que nunca mais tivemos uma orchestra de profissionaes razoavelmente organizada com elementos homogeneos e meticolosamente escolhidos que nos fizesse ouvir as obras primas da musica symphonica, com uma execução condigna d'ellas.

Muito se trabalhou ha tempos para que os artistas portuguezes se pudessem novamente reunir e trabalhar, e apezar de não haver talvez hoje os elementos valiosos de outr'ora, é certo que alguma cousa se pode-

ria fazer, se a boa vontade de todos pudesse de tal ou qual forma supprir a deficiência de alguns.

Ninguém ignora mesmo a parte activa que o nosso jornal tomou n'essa campanha, em que todo o nosso entusiasmo e todo o nosso esforço tiveram de sossobrar diante de insuperáveis obices, diante da má vontade de alguns, diante do indifferentismo de quasi todos!

E no emtanto não seria esse um meio de levantar um pouco esta nossa degenerada Arte, e mais praticamente, de collocar o nosso artista no nível social a que tem incontestavel direito?

Sim, seria uma optima ideia e um meio educativo inegalavel, senão para o publico, ao menos para o artista profissional, que entre nós é votado como se sabe ao mais descaravel ostracismo.

Não consegui vingar a ideia e naturalmente não vingará tão cedo. O nosso musico d'orchestra está fatalmente condemnado, salvo excepções raras, a prostituir a sua Arte nas operetas, magicas, fantochadas de theatros de 2.^a, 3.^a e 4.^a ordem, que para ahi enxameiam e que lhes darão, como unico premio dos seus labores, quanto baste para não morrer de fome.

A respeito de musica sã, a respeito de Arte séria que eleve, que eduque e que moralise creio que se não fez para o nosso infeliz musico

No proprio Theatro de S. Carlos, d'onde a verdadeira Arte fugiu corrida ha muito pela ganancia e pela especulação, os bons artistas portuguezes que tenham merecimento real e comprovado teem no seu proprio valôr a guia segura para obterem immediatamente o *segundo* logar e para que ás vezes uma insignificante mediocridade *extrangeira* possa ter o primeiro.

*

A mesma iniciativa teimosa que não conseguiu concretisar elementos portuguezes para uma orchestra nacional de musica symphonica conseguiu agora que uma numerosa phalange de musicos extrangeiros, a mais notavel que existe, viesse a este canto occidental tão esquecido e tão malbaratado. pronunciar o verbo sublime da grande Musica, levantar o brado divino das maiores commoções e dos mais santos enthusiasmos.

Se d'esta vez se conseguiu tão difficil empreza não foi á falta de más vontades, de intrigas, de malquerenças. de tudo o que poderia pôr extorvo e embaraço a um pensamento tão altruista e desinteressado.

Conseguiu-se porem e a *Orchestra Philarmonica de Berlim* não faltará ao rendez-

vous nas annunciadas noutes de 6 e 7 de Maio.

Por fortuna todo o publico se inclinou d'esta vez para esta iniciativa e podemos assegurar que desde as altas camadas até ao mais modesto musico, ninguém deixará de ir ouvir a grandiosa orchestra alleman, tal é o *empressement* que toda a gente tem posto na aquisição dos bilhetes de entrada.

E já que fallamos do musico portuguez, não seria possivel e não seria louvavel que os theatros onde esses artistas estão empregados podessem dispensal-os ao menos em uma das noutes, para que possam ouvir uma vez na sua vida uma orchestra modelar?

Seria um acto de verdadeira benemerencia artistica e cremos bem que não seria impossivel uma combinação n'esse sentido. Fazemos votos para que ella se realise.



Franciſco de Freitas Gaſul



Já me tardava fallar-lhes d'este estimavel mestre, que tenho como um dos mais nobres ornamentos da nossa Arte.

Prendem-me a elle sympathias de longa data e tão firmemente vincadas n'um saudoso passado, que me pesava realmente não o ter ainda trazido, com as devidas honras, pa-

ra esta nossa galeria já bem rica de brilhantes nomes.

Freitas Gaſul como executante, como mestre e como compositor tem de ha muito em Lisboa um nome tão veneravel e tão venerado, que seria uma superfluidade pretender enaltecel-o em qualquer das suas especialidades.

Devo no emtanto dizer que como professor emerito que é, pude pessoalmente apreciar-lhe os raros dotes de sabedoria e de paciencia...

E como compositor, quer na musica sacra, quer na profana, tenho tido eu, como toda a gente, bastas occasiões de o admirar e de applaudir o seu engenhoso *savoir faire*, a elevada sentimentalidade e a excepcional proficiencia de toda a sua obra musical.

SCHAUNARD.



NOTAS SOLTAS

A musica é o mais dispendioso de todos os ruidos.

THEOPHILO GAUTIER.

*

Nada mais proprio do que a musica para suscitar no homem a ideia das grandes acções e principalmente para lhe dar o valor preciso para desafiar todos os perigos.

PLUTARCO.

*

Uma grande complicação na contextura musical poderá agradar aos espiritos cultivados, mas não responde ás exigencias da esthetica.

SAINT-SAENS.

*

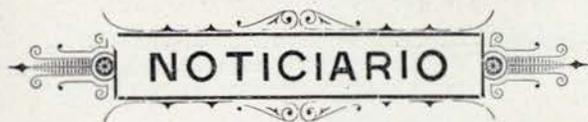
A esculptura e a pintura movem-se n'uma esphera illimitada, mas chamam sómente a nossa attenção para assumptos previamente escolhidos; a musica falla nos de nós proprios e penetra no fundo da alma, identificando-se como um amigo fiel com as nossas recordações mais dolorosas e com as nossas mais secretas angustias.

A. DE FALLOUX.

*

O que ha de mais difficil a obter de quem se dedi a á arte da musica é que se conheça a si proprio.

M. JAELL.



Do Paiz

Os illustres artistas, Arbós e Rubio foram convidados pela Rainha Regente de Hespanha, para ir dar um concerto na sua côrte.

Acompanhou os Rey Colaço, esse artista notabilissimo que é hoje uma das nossas glorias e que teve assim uma occasião de fazer valer no visinho reino os seus inegua-laveis dotes de pianista e os primores do seu caracter excepcionalmente attrahente.

A recepção que os nossos monarchas fizeram aos artistas hespanhoes foi tambem cordealissima, brindando-os com a fita de S. Thiago e dispensando-lhes phrases verdadeiramente captivantes. A Alexandre Rey Colaço e Antonio Lamas, deu Sua Mage-

tade El-Rei retratos firmados pelo seu punho e a Andrés Goni que tambem collabou-rou na sessão do Paço offereceu El Rei o habito de Christo.

•

Como complemento á noticia que damos em outro logar a proposito da simpathica e talentosa violoncellista D. Guilhermina Suggia, podemos accrescentar que o Sr. Presidente do Conselho teve occasião de ouvir a gentil artista no grande concerto da Sociedade de Geographia e consta que prometteu interessar se pelo seu futuro.

Será para nós um motivo de grande satisfacção se tal boato se confirmar.

Por outro lado sabemos que as intenções da juvenil concertista são de seguir brevemente para Leipzig, onde se matriculará no Conservatorio d'esta cidade.

As primeiras ferias serão aproveitadas para uma grande excursão ao Brazil, em que será acompanhada por sua talentosa irmã D. Virginia, pelo eximio violinista Moreira de Sá e talvez ainda por uma outra summi-dade artistica de grande renome.

Fazemos cordealmente votos por que estes planos se realizem, com proveito e gloria para a simpathica artista portugueza.

•

Em amavel carta que recebemos de Hamburgo do nosso querido amigo Cecil Mackee conta nos as impressões que recebeu com a audição dos grandes mestres allemães, taes como Joachim, Weingartner e outros. Referindo-se ao illustre director da *Orchestra Philharmonica de Berlim*, que Mackee teve a fortuna de ouvir n'esta capital ultimamente, diz «... o adoravel Nikisch que o meu amigo vae ter tambem a felicidade de admirar».

Cecil Mackee, apesar da modestia das suas palavras, faz-nos advinhar um triumpho em um solo de rabeca que teve occasião de tocar em 16 do corrente em Hambourg, acompanhado por uma numerosa orchestra, cujo logar de segundo *concertmeister* tem sido brilhantemente desempenhado pelo nosso talentoso amigo.

Do estrangeiro

A *Scola Cantorum* de Paris organisou tres admiraveis audições de *Cantatas* de Bach, que pela primeira vez se executam na grande capital franceza. Tomam parte os notaveis *Cantores de St. Gervais* e a orchestra da *Scola*, com o concurso de diversas notabilidades francezas. A direcção foi confiada a Ch. Bordes e os ensaios ao nosso illustre contemporaneo Francisco de La-

cerda, que com muita proficiencia se tem dedicado ultimamente á direcção d'orchestra e que n'esta nova phase da sua carreira se tem evidenciado como musico de alto valôr.

M. Bensaude, um dos poucos portuguezes que tem seguido a carreira lyrica, está actualmente na America do Norte, em uma companhia de que faz parte a celebre Marcella Sembrich.

Ao que parece, tem sido muito benevolmente acolhido pelo publico *yankee*.

Anton Dvorak, o celebre compositor tchêque, foi nomeado membro vitalicio da Camara dos Pares na Austria. Depois de Verdi, que recebeu o titulo de membro do Senado italiano, é este o segundo musico a quem se confere honorificamente um logar na alta assemblea politica do seu paiz.

Dvorak e Carl Goldmark são os dois mais notaveis compositores austriacos existentes; o primeiro, como dissemos, é tchêque e o segundo hungaro.

Um riquissimo amator de musica fallecido ultimamente em Hamburgo deixou em testamento a somma de um milhão e meio de francos, destinada á construcção de uma sala de concertos n'aquella cidade.

Organisou-se em Berlim uma sociedade de amigos do theatro, com o fim de realisar espectaculos inteiramente gratuitos, destinados ao povo e consistindo exclusivamente na representação de peças nacionaes e populares.

Lemos no *Monde Artiste*, que a profissão de afinador de pianos tem-se tornado em França, nos ultimos cincoenta annos, apagnio dos cegos, especialmente nas provincias onde encontram numerosa clientella. Nas escolas de cegos teem sido organisados cursos para essa especialidade; no Instituto Nacional, por exemplo, concede-se o diploma de afinador depois de tres annos de estudo, corroborados por um rigoroso exame.

Nos arredores das cidades, teem os afinadores cegos de lutar contra a concorrência dos videntes que viajam em bicycleta, mas alguns já teem adoptado o tricyclo com dois logares, fazendo-se guiar por um rapaz.

Como se sabe, os cegos teem natural aptidão para a profissão de afinadores, graças ao apurado ouvido que geralmente os distingue.

De um dos mais recentes folhetins do *Temps*, assignado por Pierre Lalo, recortámos os seguintes periodos que bem nos mostram que as doçuras da critica franceza nem sempre são de molde a lisongear os beijos dos grandes artistas.

Bom seria que, na medida das nossas forcas, a fossemos por cá imitando, em vez de louvaminhar a *tort et a travers*, por commoidade ou por medo, como é uso fazer-se em terras portuguezas.

Eis, entre muitas outras cousas do mesmo genero, o que nos diz Lalo no seu folhetim: "... A *Fantasia russa* de Rimsky-Korsakof pareceu-me monotona e fraca, desprovida por completo d'aquelle sabôr melodico e harmonico, mesmo d'aquelle brilhante colorido orchestral que abundava em *Antar* e em *Schéherazade*. E' a primeira vez que Rimsky-Korsakof me aborrece: e aborreceu-me deveras.

Quanto ao *Estudo em forma de valsa* não é decididamente uma das melhores composições de Saint-Saëns e não se percebe bem a necessidade que sentiu o sr. Ysaye de fazer d'elle uma peça de rabeca e instrumental-a; a não ser que fosse para fazer executar aos fagotes certos passos de effeito tão extravagante como ridiculo.

O sr. Ysaye é geralmente mais severo na escolha dos trechos que executa: por maior que tenha sido o seu exito, é para lastimar que não tenha interpretado de preferencia musica mais conveniente para o caracter do seu talento, para a amplidão da sua sonoridade, para a nobreza e para a gravidade do seu estylo...

Assim, é que é fallar claro.



BIBLIOGRAPHIA

Publicou-se o n.º 51 da importante revista hespanhola *La Musica Ilustrada*.

Esta publicação que tem consideravelmente melhorado converteu-se ultimamente em uma verdadeira illustração geral da arte.

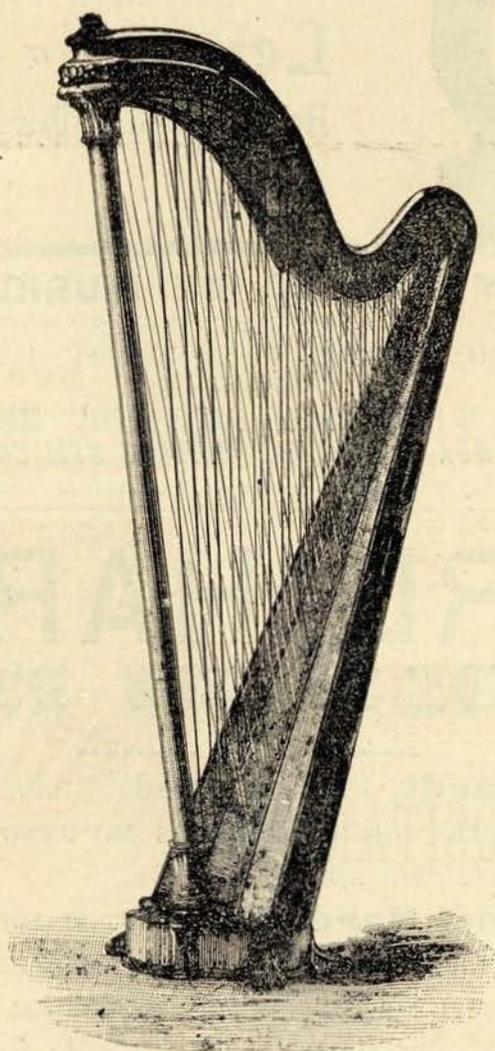
No numero que tivemos á vista vem artigos firmados por notabilidades litterario musicas do visinho reino e artisticos retratos e gravuras.

Offerece ao mesmo tempo esta revista uma peça composta de seis paginas de musica a 4 mãos, original do professor Conrado Pinto de Palma, de Mollorca e o 26.º folheto de um dictionario de Musicos hespanhees nascidos no seculo XIX.

PLEYEL WOLFF LYON & C.^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS

Harpa chromatica sem pedaes



Piano duplo Pleyel

(Systema Lyon privilegiado)

Inventor: — ENG.º GUSTAVE LYON official da Legião d'Honra

Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris

1900

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

Gravura a talho doce e em pedra



Lithographia — Encadernações

IMPRESSÃO DE MUSICA

E INDUSTRIAS ANNEXAS

GRAVURA DE MUSICA, TYPOGRAPHIA MUSICAL, AUTOGRAPHIA

50 PRELOS RAPIDOS—30 PRELOS MANUAES—PESSOAL DA CASA:—CERCA DE 700 EMPREGADOS

EXECUÇÃO BOA E PONTUAL—PREÇOS SEM COMPETENCIA

Enviam-se listas de preços e specimens de capas

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa **Carl Hardt**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **Carl Hardt** distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **Carl Hardt** obteve recompensas nas seguintes exposições: —Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na casa Lambertini, representante de **Carl Hardt**, em Portugal.

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim, á Estrella, 12.</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua do Salitre, 108, 2.º E.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Travessa de S. Mamede, 8, 2.º E.</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. Nova de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alexandrina Castagnoli , professora de canto, <i>Rua de Santa Martha, 35, 3.º</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Príncipe Real, 31, 2.º</i>
Candida Cilia de Lemos , prof. de piano e órgão, <i>L. de Santa Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Botelho , professor de piano, <i>Largo do Conde Barão, 18, 3.º E.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua d'Andaluç, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elvira Rebello , prof. de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES).</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua do Carrião, 21, 1.º E.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Rua da Procissão, 109, 1.º</i>
Isolina Roque , Professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins J.º prof. de cornetim e mestre de philarm. ^{as} , <i>T. da Espera, 56, 3.º</i>
Joaquim Francisco Vieira , professor de canto, <i>Largo da Annunciada, 6, r/c.</i>
José Henrique dos Santos , professor de violoncello, <i>R. de S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julio Cardona , professor de violino, <i>Rua Antonio Maria Cardoso, 2, 3.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Rua do Salitre, 341</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Rua de S. Bento, 11, 3.º</i>
Manoel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Luç Soriano, 13, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof. de piano e violino, <i>R. da Boa Vista, 180, 1.º</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>R. de S. Bento, 47, 1.º E.</i>
Napoleone Vellani , professor de canto, <i>T. da Palha, 205, 3.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>R. de S. João da Praça, 126, 3.º D.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>R. de S. Paulo, 29, 4.º</i>
Rachel Luisello , professora de harpa, <i>R. do Prior, 54.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137 r/c.</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º D.</i>

A ARTE MUSICAL

PREÇOS DA ASSIGNATURA SEMESTRAL

(Pagamento adiantado)

Em Portugal e colonias, 12 numeros do Jornal e 12 fasciculos do Diccionario, tendo 16 paginas cada fasciculo.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800

PÓDE ASSIGNAR-SE EM QUALQUER ÉPOCA

PREÇO AVULSO 100 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA